



Os séculos XV e XVI foram uma época em que o progresso nos conhecimentos geográficos modificou a concepção europeia do mundo. Foi um período em que marinheiros partiam em jornadas de exploração, servindo-se dos avanços na arte da construção de navios, da navegação, e, acima de tudo, na arte da cartografia..

Após o fim da ocupação muçulmana em seu território, no século XIII, o reino de Portugal deu início a um período de expansão. O comércio europeu com o Oriente estava em declínio, sobretudo devido à hostil ocupação turca no leste do Mediterrâneo. Isso dificultava aos europeus a obtenção de artigos de luxo tais como açúcar, especiarias e seda. Os governos também possuíam uma necessidade permanente de obter ouro, o que os levava a dedicar todas as suas energias à descoberta de uma rota marítima até a Guiné, uma região rica em ouro na África ocidental, assim como até a Índia, o principal posto do comércio de especiarias. Por sua determinação acrescida de um pouco de sorte, Portugal tornou-se o primeiro país a reunir informações confiáveis sobre os ventos, as correntes marítimas e as estrelas do hemisfério do Mediterrâneo em sua corte. Todos eles o ajudaram a encontrar os meios para a exploração do mundo desconhecido. Em Sagres, na extremidade sudoeste de Portugal, D. Henrique fundou uma escola de navegação onde os novos conhecimentos náuticos e geográficos eram sistematizados e transmitidos. Foi ali, também, que um novo tipo de navio foi concebido: a caravela. Menor, mais veloz e mais manobrável que as naus convencionais, a caravela foi usada em todas as grandes viagens de descobrimento. No porto de Lagos, a leste de Sagres, D. Henrique estabeleceu uma seção dedicada à cartografia. Essa nova era de exploração inaugurava os tempos coloniais e do tráfico de escravos: além de suas expedições anuais, D. Henrique financiou campanhas militares sul. Esse país de pequena extensão, mas de grandes ambições, foi o pioneiro na era das explorações, um período de expansão europeia que transformou o mundo.

Dividindo o mundo

A influência dos reis e dos príncipes contribuiu para o florescimento dessa nova era. O infante português D. Henrique, o Navegador (1394-1460), foi um grande entusiasta de viagens de descobrimento, as quais patrocinou. D. Henrique acolheu marinheiros, astrónomos e construtores de navios de todos os cantos do Mediterrâneo em sua corte. Todos eles o ajudaram a encontrar os meios para a exploração do mundo desconhecido. Em Sagres, na extremidade sudoeste de Portugal, D. Henrique fundou uma escola de navegação onde os novos conhecimentos náuticos e geográficos eram sistematizados e transmitidos. Foi ali, também, que um novo tipo de navio foi concebido: a caravela. Menor, mais veloz e mais manobrável que as naus convencionais, a caravela foi usada em todas as grandes viagens de descobrimento. No porto de Lagos, a leste de Sagres, D. Henrique estabeleceu uma seção dedicada à cartografia. Essa nova era de exploração inaugurava os tempos coloniais e do tráfico de escravos: além de suas expedições anuais, D. Henrique financiou campanhas militares no Marrocos e a exploração da África ocidental. Enquanto isso, a Espanha se apoderou das Ilhas Canárias, na costa da África, e estabeleceu um posto comercial no Marrocos. A ilha espanhola de Majorca, no Mediterrâneo, tornou-se um importante centro de navegação e cartografia.

A competição entre Espanha e Portugal tornou-se mais acirrada durante a Guerra da Sucessão Castelhana (1474-1479), mas o Tratado de Alcáçovas, em 1479, estabeleceu a paz. Ponual renunciou ao trono de Castela, troca a Ilha da Madeira, as ilhas dos tores e de Cabo Verde, e o oeste da África ao lido Cabo Bojador, no

Marrocos; a Espanha, à sua vez, manteve a posse das Ilhas Canárias. Ambos os Estados logo conquistaram novos triunfos. D. João II (1455-1495), rei de Portugal, era um entusiasta das navegações e incentivou ainda mais que D. Henrique. Enquanto o navegador português Pedro de Covilhão foi o primeiro a chegar à Índia e a descobrir partes da costa oriental da África, Cristóvão Colombo alcançou a América, viajou sob bandeira espanhola, em 1492. Os resultados dessas descobertas voltaram a provocar uma acirrada rivalidade entre Portugal e Espanha. O rei Fernão II de Aragão e a rainha Isabel de Castela, que governavam a Espanha após a união das duas coroas em 1492, pediram ao Papa Alexandre VI — que por acaso era espanhol — para solucionar o conflito. O Papa, cujo objetivo mais importante era garantir a cristianização das populações recém-descobertas no Novo Mundo, emitiu cinco bulas papais. Em 1494, os países adversários assinaram o Tratado de Tordesilhas, que estabeleceu uma linha de demarcação no sentido norte-sul, 595 km a oeste de Cabo Verde, na extremidade ocidental da África. A oeste dessa linha seria a área de influência da Espanha, e a leste a de Portugal —com exceção das Ilhas Canárias. A linha que acabou prevalecendo no tratado ficava a uma distância maior no rumo oeste, fazendo com que Portugal obtivesse o domínio sobre o Brasil, descoberto seis anos após o tratado. A exploração de regiões até então desconhecidas mudou de forma decisiva a imagem que se fazia do mundo, e a cartografia floresceu pela primeira vez desde a Antiguidade. Como os mapas muitas vezes continham segredos de Estado, os governantes os mantinham trancados a sete chaves. Hoje restam apenas fragmentos das fontes de referência utilizadas por descobridores como Colombo, Bartolomeu Dias (cerca de 1450-1500) e Vasco da Gama (1468/69-1524). Poucas pessoas eram informadas sobre a data de partida de uma nova expedição de descobrimento. A partir do fim do século XV, espiões estrangeiros infiltravam-se nos portos portugueses na esperança de obter informações, uma vez que outros países europeus também pretendiam conquistar terras no ultramar. Estados rivais estavam dispostos a pagar grandes somas por mapas, pelo poder e conhecimento neles contidos. Essas espionagens, contudo, não davam resultados. Em 1501, por exemplo, o veneziano Pedro Pasqualigo escreveu uma carta às autoridades civis de Veneza queixando-se de que não conseguia obter em Portugal um mapa que mostrasse o caminho para a Índia. Dizia-se que o rei D. Manuel I de Portugal (1469-1521) tinha decretado pena de morte para qualquer pessoa que colocasse tais documentos "a disposição de estrangeiros". Temos notícia de uma ordem de sigilo emitida pelo mesmo rei para proteger o monopólio português no comércio de pimenta. Em novembro de 1504, D. Manuel proibiu os cartógrafos de ilustrar a costa da África ao sul das ilhas de São Tomé e Príncipe, na costa da Guiné. Ele também determinou que todas as novas ilustrações geográficas fossem apresentadas ao gabinete real de cartografia, para serem submetidas a censura.

O mapa de Cantino

De qualquer modo, o "padrão real" português, o modelo cartográfico constantemente atualizado, tornou-se cobiçado fora de Portugal. Em 1502, uma cópia ilegal do mapa do mundo foi impressa em formato grande.

O duque de Ferrara ordenou a seu representante em Lisboa, Alberto Cantino, que obtivesse esse mapa, por motivos comerciais. Cantino subornou um representante diplomático de D. Manuel e contrabandeou para a Itália uma cópia do mapa, que ficou conhecido como "o mapa de Cantino". Era difícil manter segredos naquela época, pois os cartógrafos portugueses freqüentemente alugavam seus serviços a clientes estrangeiros. Além disso, os cartógrafos trocavam de patrono com facilidade e era prática comum aos príncipes de vários Estados disputar os serviços desses especialistas.

Bartolomeu Velho, por exemplo, autor de um famoso mapa do mundo datado de 1560, trabalhou na corte francesa antes de morrer em circunstâncias misteriosas. Muitos países se ressentiam do controle que portugueses e espanhóis exerciam sobre os mares. Eles protestaram com indignação contra o Tratado de Tordesilhas, que parecia conferir aos Estados ibéricos um

direito inviolável sobre os oceanos. A base legal do tratado foi questionada, sob a alegação de que os oceanos deveriam ser acessíveis a todos. Por fim, os dois países ibéricos não conseguiram manter os novos territórios sob seu monopólio, que foi quebrado pelos ingleses, holandeses e franceses.

